

CARAVANÇARÁ DE SARRON.

Cáfilas ou caravanas são mui numerosas partidas de mercadores, viajantes, ou peregrinos, que se reúnem para atravessarem com mais segurança os desertos da Asia e da Africa, com especialidade os da Arabia, fazendo jornadas curtas, e poisando em estações certas onde ha alguma fonte ou poço, e n'algumas o seu caravançará. D'estes edificios os que ha nas cidades são em geral espaçosos e magnificos.

O padre Manuel Godinho na sua *Viagem da India por terra para Portugal*, diz no cap. 6.º:

«Nada menos sumptuosos edificios são os dois caravançarás, quer dizer estalagens publicas, que tem Surrate, feitos a modo de claustros, com muitas casas de alojamento por banda, e uma só porta, que se fecha logo á noite e se abre com dia claro para maior segurança das fazendas dos mercadores, que se recolhem n'aquelles caravançarás.»

No cap. 25 escreve o mesmo curioso autor:

«... os caravançarás de Alepo são tão formosos como os melhores conventos d'este reino, do mesmo feitio, com as mesmas repartições, e todos em quadro com suas fontes no meio.»

A coisa ainda hoje é a mesma, porquanto nas viagens modernas assim é descripta esta casta de construcções, e entre outros M. Breton diz:

«São estas as hospedarias e estalagens dos

VOL. I. — 4.ª SEME.

orientaes, edificadas em quadrado e parecendo-se muito aos nossos claustros; em geral só tem um andar, e raras vezes dois; entra-se no pateo por uma grande porta, e ao meio de cada um dos outros tres lados ha uma grande camera destinada ás pessoas de mais consideração, o resto do edificio é occupado por pequenas camaras; de ordinario as cavalhariças ficam detraz d'estas. São construcções edificadas por monarchas e princezas, e tambem á custa das cidades, onde a todos os viajantes se dá gratuitamente agua, e um cobertor para agasalho.»

A nossa estampa representa o caravançará de Sarron, que é o mais magnifico da Persia.

M.

OS GODOS NA PENINSULA.

Um dos estudos interessantes para a nossa historia, é sem duvida o da epoca que se prende com estes conquistadores, por isso que a sua legislação e costumes de sobejo influiram nos primeiros tempos da nossa monarchia. Não será portanto de estranhar que lancemos aqui algumas observações a seu respeito.

MARÇO, 21, 1857.

Invadido o baixo imperio pelas aguerridas cohortes dos barbaros do Norte, estes se espalharam, como era natural, pelas provincias occidentaes sujeitas aos romanos. A desmoralisação do imperio que havia effeminado aquelles animos outr'ora tão varonis, quebrara-lhes os brios, entregando-lhes sem esforço os pulsos ás cadêas da subjeição; e Alarico, que no orgulho da victoria se intitulava o açoitado de Deus, triumphou na propria Roma, da qual se não presumia podessem braços de homem arrancar a corôa de rainha do universo.

Nos principios do quinto seculo, desceram á Europa varias nações dos mesmos barbaros, e devastando e assolando as Gallias, atravessaram os Pyreneos—fracas barreiras para homens costumados ás selvas dos seus paizes, e ás fadigas das guerras—e admirados da belleza do paiz, que, para áquem d'aquella famosa cordilheira de montanhas, lhe apresentava um ceo formoso, uma terra fértil, e um excellente clima, sentiram recrescer-lhes o desejo de um exclusivo dominio. Haviam sido, porém, solidarias na guerra, e do mesmo modo o deviam ser na conquista; e d'ahi foi que para evitar contestações tiraram á sorte o lote de terra que devia caber a cada uma d'ellas. A nossa Lusitania coube aos alanos, e a Galliza e Braga aos suevos e vandalos.

Guerras se travaram entre uns e outros, e a sentença da sorte foi annullada; que homens eram todos elles, costumados ao sacco, a se não contentarem facilmente com o que já possuíam, e impossibilitados de guerrear com os naturaes do paiz, porque se lhes haviam sujeito, contra si proprios voltaram as armas. Assim foi que por termo de todas estas contendidas, os vandalos tiveram de passar á Africa, cujo caminho facilmente se lhes franqueou; e os alanos confundidos com os suevos, ficaram na posse exclusiva d'estas regiões. Das duas tribus era sem duvida mais numerosa a ultima, e absorveu em si a primeira, extinguindo-lhe até a denominação, porque do anno de 429 em diante a historia unicamente nos designa a segunda.

Um grande facto, que não deve passar despercebido, é o da conversão d'estes barbaros ao christianismo; primeiro passo para a sua civilisação. Alanos e suevos eram idolatras ao penetrar nas Hespanhas; porém a luz da religião atravessou o espirito dos primeiros apenas transpuzeram os Alpes, e se bem que adulterada á doutrina pelos erros de Ario, contudo lá lhes ficou a boa semente que mais tarde teve de fructificar, limpa da ruim herva que a infezava. Foi no anno de 559 que Theodomiro, seu rei, abjurou publicamente as heresias d'aquella seita, e desde então os suevos foram contados no gremio da religião orthodoxa.

Com aquellas tribus tinham tambem descido á Europa os godos, como ellas originarios do Norte; porém haviam-se fixado nas Gallias. Subdividia-se a sua nação em ostrogodos, e visigo-

dos. Estes ultimos attrahidos da Gallia-narboneza á Hespanha, aqui se assentaram definitivamente; e Leovigildo, seu rei, estabeleceu a côrte em Toledo. Pouco tempo depois esta nação predominou em toda a Peninsula, e com o seu imperio findou o dos alanos e suevos. Foi das mãos dos godos, aniquilados pelas mesmas causas destruidoras do imperio romano, que a Peninsula passou para o poder dos arabes. Rodrigo, o desthronizador de Wittiza, pagou a usurpação, e extrema violencia dos seus amores com Florinda, perdendo a corôa nas margens do Guadalquivir, até onde o arabe Tarife, logar-tenente de Musa, emir d'Africa, fôra conduzido pelo vingativo conde Julião, que pela deshonra da filha, ou por partidista do rei desthronado, lhe tinha aberto as portas de Hespanha. O ferrete da ignominia não deve porém estampar-se unicamente na fronte do conde Julião: Oppas, arcebispo de Sevilha, deve compartilhar com elle a nota infame de traidor á patria, porque não sabendo refrear no espirito vingativo os sentimentos de affeição pelos filhos de Wittiza, dos quaes era tio e tutor, se bandeou na batalha para o arabe, com as consideraveis tropas que capitaneava, commettendo o sacrilegio de franquear o dominio de um paiz christão ao chefe de uma seita sua irreconciliavel inimiga.

Desde este momento a historia deixa de pertencer ao periodo que commemoramos no presente trabalho. Aqui assentaremos a baliza do estádio que brevemente temos de percorrer n'este periodo de cerca de dois seculos que durou o dominio godo.

Se dermos credito aos escriptores romanos mais desapaixoados, acharemos que os godos eram sobrios, guerreiros atrevidos, perseverantes nas suas empresas, hospitaleiros, humanos depois da victoria, se bem que terriveis antes d'ella, e ciosos da liberdade e independencia.

A religião catholica, ao principio permittida por elles, e por fim recebida com fervor, serviu muito para adoçar-lhes os costumes barbaros, e amaciar-lhes a rudez, induzindo-os a abraçarem a polidez e boa razão das leis romanas. Foram estes conquistadores de quem os naturaes do paiz menos tiveram de queixar-se; porque lhes respeitaram suas leis e crenças religiosas, e por tal modo se misturaram com os habitantes, que pelo andar dos tempos, uns e outros se encontraram compatriotas, extinguindo-se as denominações de vencidos e vencedores. Se a conquista material foi pelos godos, o triumpho intellectual e espirital foi pelos habitantes do paiz, que assim viram abraçada essa tal civilisação que já desfructavam por aquelles mesmos que, na fereza dos seus costumes, ameaçavam barbarisal-os tambem. E tanto mais é para admirar o triumpho, quanto que este povo, antes de pisar a Peninsula, não só receiava alliar-se com os romanos, mas até mesmo lhe detestava as praticas e usos. A benignidade do clima influu de certo n'estas boas disposições; porém o que fora

de duvida trouxe aquelles barbaros, como os romanos os designavam, a sentimentos mais doces, foram os reciprocos enlaces e casamentos que entre uns e outros se effectuaram. E de mais os godos conheceram que fixando-se no paiz, terminava assim aquella vida errante de emigrações em que até ali tinham andado, e mais pela necessidade, do que pela politica para que não eram muito asados, deviam acarinhar os corações dos vencidos.

Pela abjuração que os reis godos fizeram dos seus erros religiosos abraçando a orthodoxia da fé catholica, veiu a preponderancia ao clero em todos os negocios do estado. Aquelles bispos e pastores que no tempo dos precedentes barbaros, se tinham visto forçados a salvar no esconderijo as imagens dos santos, as reliquias, e os livros sagrados, e no predomínio dos arianos se occultavam nos concilios provinciaes e diocesanos para mutuamente se fortificarem na fé e conservarem os povos na communhão catholica, foram admittidos então ao governo, e á feitura das leis; e tanto foram medrando n'este poder, que foi o clero quem descarregou o golpe mais profundo na nobreza goda, que saiu mal-ferida do estabelecimento da nova ordem de coisas, onde a realza se consolidava, e o poder clerical se constituia.

Vemos que Leovigildo e seus successores, imitando a Alarico na Gallia, se deram em Hespanha ao trabalho de juntar n'um codigo as leis dispersas; e que este codigo foi proposto e examinado no duodecimo concilio toledano, e definitivamente confirmado no decimo sexto. Notam-se n'elle os altos privilegios do clero, porque os bispos não podendo demandar, nem ser demandados pessoalmente em juizo, tinham comtudo recurso para si dos juizes inferiores, e até dos mesmos condes, que era a maior dignidade na côrte palatina. Quem não respeitasse a isempção dos cargos publicos clericas, e aos seus servos libertos, e colonos, incorria nas penas de excommunhão, uma das mais graves n'aquella epoca. A mesma sorte era reservada a quem demandasse clerigo fora de juizo que não fosse o do seu bispo; e além d'isto decaía no litigio. Até os reis eram forçados, no acto de subir ao throno, a comprometterem-se por juramento, a não consentir nos seus estados nem judeus, nem outros individuos que não professassem o catholicismo. Que muito era porém se introduzissem estas leis n'aquelle codigo, se o clero era ao mesmo tempo o juiz e executor d'ellas, com supremacia sobre todas as outras classes; e os concilios, as assembléas legislativas da epoca, eram movidos e dirigidos por elle!

É indubitavel que para esta supremacia correu poderosamente ser a classe mais instruida, achar-se habituada pelos seus estudos a largas discussões, o que, pelo contrario, enfastiava aos homens educados no rude mester das armas, impacientes especialmente pela duração dos debates. Foi no primeiro concilio toleda-

no, no anno de 590, que o clero se resolveu a admittir tambem a elles os seculares, e o rei Reccarredo compensou da sua parte, authorizando o concilio para comminar penas, e concentrar enfim todo o poder legislativo. O rei e os nobres pareciam ganhar n'isto uma participação no governo interior da egreja, o que realmente não era assim. O clero foi quem lucrou a gerencia do governo temporal, da qual se soube por tal arte apoderar, que até o rei Rescevido, no oitavo concilio, chegou a prometter de antemão sancionar quanto ali se legislasse. Ganha assim a influencia dos negocios de interesse nacional, tratou o clero de cercear as concessões feitas aos leigos, e foi no decimo setimo concilio toledano, que ordenaram se reservassem os tres primeiros dias da reunião para tratar as materias de fé, e de disciplina, não sendo admittidos os seculares no concilio. Depois lançaram tambem mão da redacção das actas d'estes parlamentos nacionaes; o que hoje se conhece pela linguagem empregada n'ellas, e pela substituição da pena de excommunhão a todas as outras penas.

Continua.

A.

GALANTE MODO DE SATISFAZER UMA LETTRA.

Um dos nossos viajantes conta pelas seguintes palavras como em Osnabruck (na Alemanha) se lhe pagou a importancia d'uma lettra; e parece-nos que de aventura igual se não poderão gabar muitos dos que andam correndo mundo:

«Indo a casa do correspondente que me havia de pagar a lettra, me disseram que elle se achava em uma feira trinta leguas distante de Osnabruck. Desconfiando inteiramente do negocio, declarei quem era, a lettra que trazia, e o incommodo que me dava a falta ou a demora da sua cobrança. Logo que me conheceram estrangeiro me mandaram entrar as duas criadas, com quem esta conversação se passava, dizendo-me que esperasse por sua ama que se estava levantando. Apareceu esta que era uma moça muito formosa, e com tão pouca cerimonia que em camisa, em manto mui curto, e em chinellas me veiu tomar a visita, com tanta promptidão que até deixou de calçar as meias. D'esta figura menos esperanças, porém de boa cara boas obras. Assim que recebeu a carta e a lettra assim me começou a contar a sua importancia, dizendo-me que para semelhantes negocios não havia horas incommodas, nem razão alguma que os embaraçasse.»

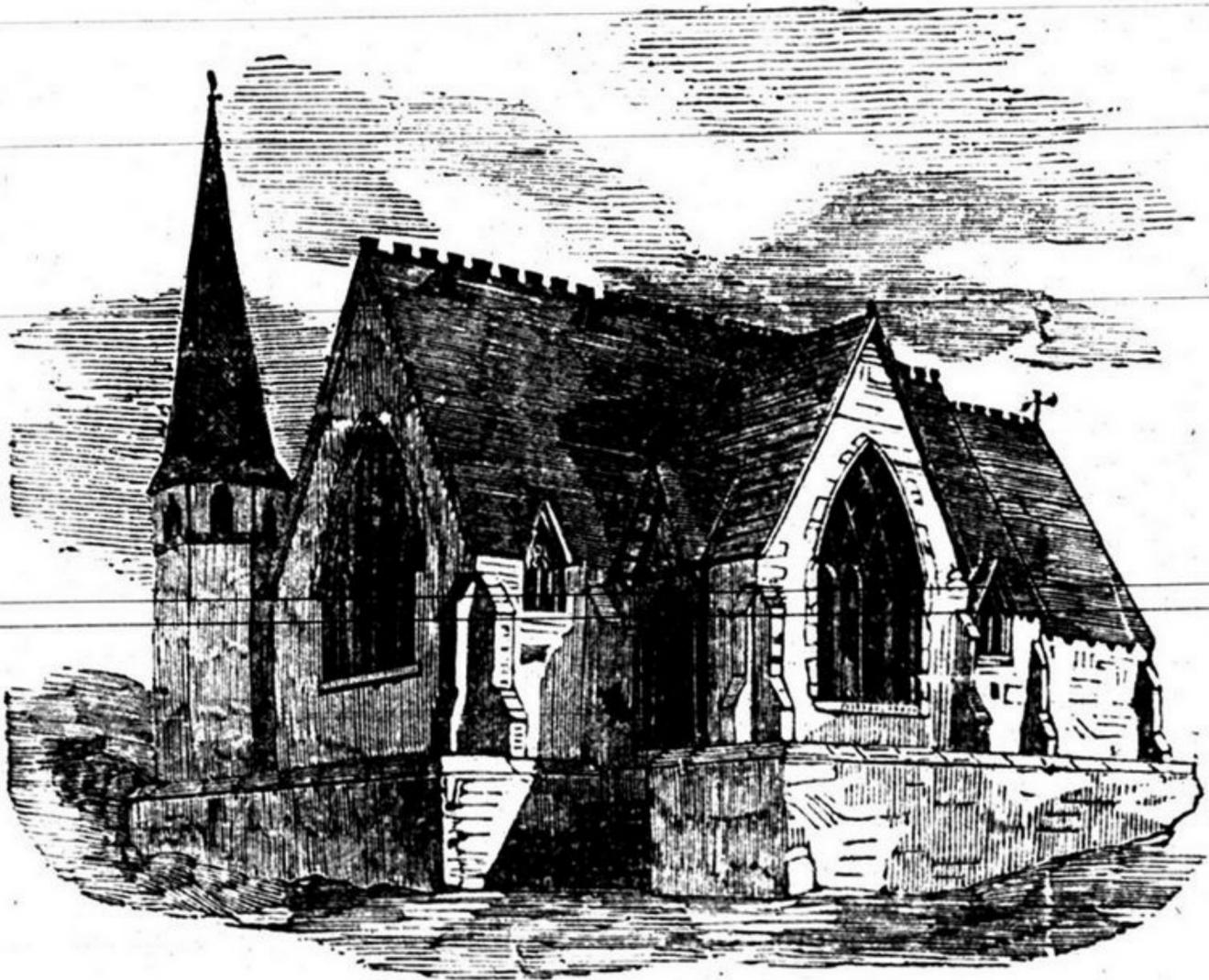
Isto narrou o viajante para provar a promptidão que por aquellas terras ha em semelhantes pagamentos. Esta sincera mulher não se contentou só com isto, e vejamos o que o autor acrescenta lhe succedeu ao passar o recibo:

«Emquanto escrevi fez ella vir uma grande botelha de precioso vinho, e o peor é que acom-

panhando-me com um copo igual ao que me deu, me obrigou como por força a que a despejassemos. Teve a galanteria de me perguntar se que-

ria mais algum dinheiro além do credito, e veio-me acompanhar até fora da porta.»

**



EGREJA EM ORTAKEOI.

Em consequencia da guerra do oriente houve consideravel augmento no numero de inglezes domiciliados nos suburbios da capital do imperio ottomano, e por isso além de outras providencias que igualmente foram reputadas necessarias, tratou-se de erigir um templo para o culto protestante anglicano. Escolheu-se para local a aldêa de Ortaköi, proxima de Constantinopola, e foi aberta a capella em Novembro do anno proximo passado. O risco, orçamentos e outros trabalhos foram obras dos architectos George Wood & C.^{as}, o estylo é da primitiva architectura britanica. É o primeiro templo inglez erecto na Turquia.

M.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IV

SAMUEL.

Continuação.

No momento em que Samuel batia á porta, ouviam-se vozes altercando lá mais ao interior da casa. O recémchegado escutou, porém não

pôde distinguir o motivo da altercação, porque as vozes se confundiam com o som cavo da argolada repercutida no fundo da casa. Ainda esperou alguns instantes, mas não sentindo passos de quem lhe viesse abrir a porta, bateu segunda vez, com um signal particular; e logo aquellas ruidosas vozes se calaram, e alguém veio descerrar o ferrolho.

Este homem, que revelava no seu todo o officio da forja, levou a mão ao gorro para comprimentar Samuel, e foi marchando adiante d'elle, com uma lampada na mão, até chegarem ambos á casa immediata.

Unicamente de duas se compunha aquella habitação. A primeira estava desguarnecida de moveis; tinha umas poucas peças de ferro velho, amontoadas a um canto, e ao lado da porta uma chaminé com um buraco para expellir o fumo para a rua. A segunda era mobilada com uns toscos bancos, mesa da mesma qualidade, e uma barra encostada á parede, com o competente almadrague e roupa. Sobre a mēsa achava-se um gomil, um tinteiro de loiça; pennas, algumas folhas de papel, e uma balança. Na parede fronteira á cama estava um grande armario, correndo toda a altura da casa, desde o

tecto até ao soalho, figurando mettido na parede.

Os tres homens que se achavam n'esta segunda casa haviam-se erguido e desbarretado á entrada de Samuel.

Se não tivéssemos dito ao leitor que este era o personagem descripto no principio do capitulo, não o reconheceria de certo, vendo-o agora muito mais recurvado, apoiando-se n'um bordão, como pessoa que busca dar allivio á perna que traz enferma; e justiça é confessar, remedava tão perfeitamente o paralytico, que mais parecia molestia real que fingida. A côr do rosto mudara-se-lhe de oídra na adusta e tostada do soldado que tinha batalhado na Africa ou havia embarcado para as Indias, graças a um elixir com que o esfregara antes de bater áquella porta. A voz rouquenha e forte era tão dissonante da sua habitual, que parecia impossivel serem ambas soltadas pela mesma garganta. Samuel era de idade de quarenta e tantos annos, porém assim disfarçado figurava ter mais vinte.

Tambem aquelles homens, e outros que varias vezes ali costumavam concorrer, nada sabiam da vida e profissão de Samuel. Julgavam-no, porque elle assim o dissera, velho soldado que se distinguira nos terços portuguezes pelejando na America contra os hollandezes; mas a America estava longe para se verificar o caso. Em Ceuta, contara elle que um pelouro lhe maltratara a perna direita; e Ceuta já não estava em poder de Portugal, pois doze annos antes (13 de Fevereiro de 1668) fôra cedida a Castella pelo principe regente D. Pedro, em nome de seu irmão D. Affonso VI, para Hespanha o reconhecer como soberano legitimo de Portugal; e portanto não valia a pena ir incomodar os hespanhoes para examinar os registros da milicia que guarnecera a praça. Ás vezes narrava com muita exactidão proezas e gentilezas d'armas na guerra da independencia, as quaes dava tambem succedidas com elle; mas a sua exactidão n'este ponto não era para admirar, porque a historia d'aquelles ultimos quarenta annos ainda estava tão fresca que todos a sabiam mui bem, até as creanças que não tinham assistido áquellas batalhas.

Samuel tambem usava para elles de um nome supposto. Não o conheciam por outro que não fosse Pedro de Bulhões.

Chegara mudo e silencioso até á mesa, que n'aquella occasião estava extraordinariamente adornada com varias alfayas de prata. Depois de olhar desdenhosamente para ellas, e voltando-se para Filippe Tranqueira, que assim se appellidava e alcunhava o personagem que lhe veiu abrir a porta, disse sacudidamente:

— Que senzala quando cheguei! Parece-me que tu, meu alma de cantaro, eras melhor para capellão de freiras que para homem de negocio. Por S. Braz que me não amedrontava assim com vozes tão desentoadas, e haveria obri-gal-os a conhecerem-me, como os hollandezes

me experimentaram na America, se não recusassem as fallas como leigo mendicante em peditorio.

— Tem sobras de razão, sr. Pedro Bulhões, interrompeu um dos tres estranhos; mas este perro do Tranqueira tem palavras para mudar dez Jobs n'um diabo.

— Pois não queria, acudiu outro, que essa prata se desse só pelo peso sem lhe juntar nada pelo lavor!

— E d'esta qualidade! acrescentou o terceiro, pegando n'uma naveta, e mostrando-a a Samuel. Dois anjos tão bonitos, com umas azas tão compridas, e ajoelhados que parecem mesmo estar orando!

— Pois sim... pois sim... Carregae com toda ella lá para as vossas poisadas, que a estas horas já a justiça de el-rei anda em cata das alfayas que desapareceram ha dois dias do mosteiro dá Rosa.

Os tres homens olharam-se admirados, pois ainda não haviam dito d'onde roubada a prata, e o caso passara-se sem arrombamento de porta, pelo que esperavam se não desse tão cedo pelo seu desaparecimento.

— Com que então?!...

— Vêde o risco que correis. Andae agora ahi offerecendo-a ao primeiro que vos tenha malquerença, e vos entregue aos officiaes de el-rei, porque n'este tempo, louvado Deus, a gente vê caras, e não vê corações.

— Por isso lhes dizia eu que a prata de egreja não tinha o valor da outra.

— Trazei cá um candelabro sem firma, mas que pertença a particular, que mais cruzado menos cruzado sempre se accrescentará ao peso. Porém esta!... Se não fôra o costume de fazermos negocio, estava tentado a despedir-vos já.

— Porém este firmal!...

— Tudo recende a egreja a cem leguas d'aquí. Muito favor vos faria, para segurar-vos á melhor cautela, comprar-vos esses objectos que logo vos denunciariam em vossas casas... Mas não quero... ficarei exposto...

— Porém onde havemos ir, se vemos já descoberta a falta da prata?

— Ainda por vos obrigar, vá... Porém nada... nada... A compra é de muito risco, e n'ella não ganho nem um ceutil.

— Portanto nem o valor pagaes?

— Levae-a... levae-a depressa. Ide com ella a estas horas, e Deus vos conduza que não topeis com a ronda do corregedor, que ajuste melhor a conta do que eu.

— Era o mesmo que lhes estava dizendo, acrescentou o Tranqueira, e elles não queriam entender razão.

— Não tem duvida, passamos a derretel-a que depois bem se venderá.

— Quem cabras non tiene e cabritos viende d'algures lhe viene—dizem os perros dos castelhanos com quem pelejei ha quarenta annos.

Tristes homens de officio a venderem barras de prata! . . .

— O sr. Pedro tem razão, disse um dos vendedores para os outros dois. Vamos a risco carregando com ella a estas horas. . .

— E lembras-te do Joaquim, que ha dois annos foi vender á ourivesaria aquelle pouco de oiro derretido, e depois lá foi para o Tronco? disse o segundo para o terceiro, que era o mais renitente.

— Cá por minha parte leve o diabo o negocio que pode trazer tal perca. Vamos ao ajuste.

O terceiro estava vencido não só pelo numero de votos na parçaria, mas tambem pelos argumentos que eram convincentes. Samuel para ainda mais os estimular, e rebaixar na fazenda incutia-lhes mais temores sobre o risco que corriam, porém, fazia-se mais grave quanto ao ponto de ser elle o comprador.

— Levae, levae. A gente da rua anda muito desconfiada de mim. . . e se acá viessem as justças! . . . Nada. . . levae.

— Mas agora a estas horas?! . . .

— Sim. . . sim. . . levae.

— Está tratado, sr. Pedro; nós é que não podemos agora levar as alfayas.

— Vêem que me arrisco. . .

— Estaes na vossa casa, e nós temos ainda de ir longe.

— Faremos um desconto no valor da prata.

— Ora não quero se diga que deixo de servir a gente que me procura. Vamos. A conta será facil de fazer. Não temos nada de feitio, porque isto não pode apparecer: quaesquer dez por cento de abatimento para eu ter um pequeno interesse no obsequio que vos faço, é uma insignificancia a troco de tamanho risco; e depois a prata hoje vae estando tão depreciada, louvado Deus! . . .

E assim dizendo lançava as alfayas na balança, e annotava o peso de cada uma. Concluida a operação fez contas, e tirando de um cinto de coiro algumas moedas, pagou religiosamente o valor com os indicados abatimentos.

E ao passo que lhe contava as moedas, fazia-as tinir e retinir para os arrebatam por aquelle som argentino, acompanhando-lhe as vibrações com estas e semelhantes palavras:

— Esta prata sim, que tem voz de rei, e deixa-se ouvir de todos. Vão lá conhecer-lhe a origem, e d'onde vieram tão boas moedas! . . . Não denunciam quem as possui, e inventaram-se para paga de todos os trabalhos. . . A justiça que reconheça agora n'ellas o valor da prata do mosteiro da Rosa.

Ajustada e paga assim a conta, os tres homens dividiram ali mesmo o producto, e se despediram de Samuel que, com affectuosas expressões, continuou a encarecer-lhes o serviço que acabava de prestar arrancando-os ao temerario risco de atravessarem com aquella prata a cidade tan-

to a deshoras, e promettendo-lhes estar prompto sempre a valer-lhes.

Continua.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

INSTRUCCÃO RELIGIOSA.

O methodo de prégar e ensinar o Evangelho era diverso segundo a disposição das pessoas que se doutrinavam. Os judeus convenciam-se pelas prophcias e outras provas tiradas da Escrip-tura e das suas tradições. Aos gentios as primeiras instrucções que se lhes davam tendiam a corrigir-lhes os costumes, pois se julgava inutil fallar de religião a homens ainda cheios de suas paixões e falsos prejuizos. Orava-se por elles, dava-se-lhes bom exemplo; procurava-se attrahil-os pela paciencia, pela doçura e pelos beneficios temporaes, até se ver n'elles um sincero desejo de conhecer a verdade, e abraçar a virtude. Então persuadiam-n'os pelos raciocinios mais simples ou mais subteis, segundo a capacidade d'elles, e com a autoridade dos seus philosophos e poetas. Das coisas de Deus unicamente se fallava aos que seria e tranquillamente as escutavam. Quando n'estas praticas os infieis principiavam a aborrecer-se ou a rir, o christão calava-se, para não profanar as coisas santas, e não excitar blasphemias.

Quando se era obrigado a confundir algum heretico, para o induzir á verdadeira crença, lançava-se mão do sentido litteral da Escrip-tura, e quando se seguia algum sentido figurado era somente aquelle em que o adversario concordava. N'estas occasiões havia grande reserva nas questões de religião. Limitava-se a resposta á questão assentada, e não se propunham novas. Havia todo o cuidado em reprimir a curiosidade dos espiritos levianos e amigos de disputar sobre esta materia.

Emquanto ao modo de instruir os fieis, era leccionando-os na doutrina da Igreja, precavendo-os e fortificando-os contra as heresias, e dando-lhes regras para o seu comportamento, e correção de costumes.

A igreja era a escola onde se juntavam os christãos de todas as edades e estados, e era ahi que bebiam as instrucções analogas a este nome com que se decoravam. O bispo explicava o Evangelho, e os livros sagrados, com a assiduidade de um professor, se bem que com muito maior autoridade. Punha todo o cuidado em se reportar fielmente ao que aprendera dos padres e bispos mais antigos, pela tradição que remontava até aos apóstolos. Quando o bispo não podia preencher estas funcções tão importantes, e que eram as principaes do seu ministerio, encarregava d'ellas um sacerdote digno de o substituir por sua doutrina e virtudes.

Os fieis estudavam e meditavam dia e noite a lei de Deus no interior de suas casas. Ahi reliam o que tinham ouvido ler na igreja, e se recordavam das explicações do pastor. Diz S. Chrysostomo que n'aquelle tempo as casas dos christãos eram egrejas, e cada chefe de familia um pastor particular que presidia ás orações e ás leituras domesticas, instruindo a mulher, filhos e servos, sendo o primeiro a praticar as virtudes que exhortava, e esforçando-se todos em o seguir como a seu modelo.

A prova do grande cuidado que tinham os paes e as mães de bem instruir as suas familias está em se não encontrar na antiguidade nenhum vestigio de cathecismo para as creanças, nem de instrucção publica para os baptisados antes da idade da razão. A instituição dos cathecismos quaes se usam hoje nas escolas, data do concilio de Trento, e estabeleceu-se para remediar a ignorancia em que caiu a maior parte dos paes e das mães, relativamente á religião.

BAPTISMO.

Quando alguém pedia ser christão, levavam-no á presença do bispo ou de um sacerdote, que em primeiro logar observava se a sua vocação era solida e sincera. Examinavam-se as causas da conversão, e o estado; se era livre ou escravo; os costumes e a vida passada. Os que seguiam profissão infame e perigosa, ou estavam engolfados em habitos criminosos, não eram recebidos sem primeiro renunciarem effectivamente a ella, porque o zelo da conversão das almas não fazia mais condescendentes os ministros de Christo para com os que desejavam professar o christianismo.

Aquelle que era julgado capaz de ser christão, fazia-se *cathecumeno*, que quer dizer discipulo, pela imposição das mãos do bispo, ou do sacerdote commissionedo da sua parte, fazendo-lhe tambem na testa o signal da cruz, orando a Deus para que lhe aproveitasse a instrucção que ia receber, e se volvesse digno do baptismo. Assistia depois aos sermões publicos, aos quaes tambem os infieis e hereticos eram admittidos. Havia cathequistas, ou mestres, os quaes velavam sobre o comportamento do adepto, e lhe ensinavam em particular os elementos da fé, sem comtudo lhe explicarem a fundo os mysterios que ainda não podiam comprehender. Instruam-no especialmente nas regras de moral, para elle saber como devia viver depois do baptismo.

O tempo da instrucção do cathecumeno durava ordinariamente dois annos, mas espaçava-se este prazo, ou encurtava-se conforme o progresso do educando. Os que pediam o baptismo, e que se julgavam dignos d'elle, davam seus nomes no principio da quaresma, para se inscreverem na lista dos competentes ou illuminados. Assim havia duas ordens de cathecumenos: os ouvintes, e os competentes; estes ultimos usa-

vam já com anticipação o nome de christãos, jejuavam durante a quaresma como os fieis, e juntavam ao jejum frequentes orações, genuflexões, vigílias, e confissão de peccados. N'este grau eram instruidos mais a fundo, explicando-se-lhes o symbolo, ou Credo, e especialmente o mysterio da Trindade e da Encarnação. Chamavam-n'os muitas vezes á igreja para os examinar, e fazer sobre elles em presença dos fieis os exorcismos e as orações. Era a isto que se chamava escrutínios, que se observaram por muitos seculos, mesmo com as creanças. No fim da quaresma, ensinava-se-lhes a oração dominical, e instruiam-n'os succintamente dos sacramentos que elles iam receber, e que depois se lhes explicariam mais profundamente. Então aquelles que se reputavam já sufficientemente instruidos e approvados, chamavam-se eleitos, porque os separavam para serem baptisados solemnemente na Paschoa, ou no Espirito Santo, por causa da relação entre estes dois mysterios e os sacramentos do Baptismo e da Confirmação que se conferiam ao mesmo tempo.

Ordinariamente não se administrava o baptismo senão n'estas duas festas, e este costume ainda durava no decimo sexto seculo na maior parte das egrejas. Em caso de necessidade baptisava-se em qualquer dia. Os filhos dos fieis eram baptisados apenas seus paes os apresentavam, mesmo sem se esperar que tivessem os oito dias. O uso de se administrar o baptismo todos os dias indistinctamente só principiou no fim do undecimo seculo.

Desde os apóstolos até ao seculo decimo quarto, e ainda mais adiante, dava-se o baptismo immergindo n'agua por tres vezes em nome das tres pessoas divinas. Não se dava por aspersion ou infusão, senão quando se não podia por outro modo, por exemplo na doença. Foi nos seculos quinze e dezeseis que se tornou universal o baptismo por infusão.

Chegado o dia do baptismo, levava-se o cathecumeno ao baptisterio, faziam-no renunciar ao demonio e ás suas pompas; eram interrogados sobre a fé, e elle respondia recitando o symbolo dos apóstolos. O cathecumeno despiam-se, e descia á fonte baptismal assistido do padrinho e de um diacono, ou outro clerigo. Então o bispo ou o padre fazia-lhe a triplice immersão. Se havia duas cubas, ou duas fontes, as raparigas e as mulheres baptisavam-se á parte; eram assistidas de suas madrinhas, despidas pelas diaconas ou outras pessoas piedosas, tendo sempre o corpo coberto, ou de agua durante o acto, ou com alguma cobertura ao entrar e sair d'agua. Se não havia senão uma cuba, eram baptisados primeiro os homens, e depois as mulheres.

Aos recémbaptisados chamava-se *neophytos*, que quer dizer recémnascidos, qualquer que fosse a sua idade. Davam-lhes a comer leite e mel que significava a entrada na verdadeira terra da promissão, e a infancia espiritual. Usavam durante a primeira semana do baptismo um vesti-

do branco que recebiam ao sair da fonte baptismal, como symbolo da innocencia que haviam recobrado, e que deviam conservar até á morte. Toda essa semana commungavam, porque ordinariamente se conferia o sacramento da Eucharistia logo depois do baptismo e da confirmação. O neophytismo durava um anno, durante o qual os novos christãos não podiam ser elevados ás ordens sacras, senão por mui fortes motivos.

CONFIRMAÇÃO.

Nos primeiros tempos da Igreja, era o sacramento da Confirmação como uma sequencia e complemento do Baptismo, e por isso quando o neophyto saía da fonte baptismal era conduzido ao bispo que lhe impunha as mãos, ungia-lhe a testa com a santa chrisma, e o confirmava na fé pela plenitude do Espirito Santo.

Foi a pratica mais geral até ao decimo terceiro seculo não separar estes dois sacramentos, ou aproximal-os o mais possivel; e era a razão d'isto para não deixar exposto o neophyto aos ataques do inimigo dos recémregenerados. Prevaleceu depois o uso contrario, e o cathecismo do concilio de Trento exhorta a esperar pela idade de doze annos para a Confirmação.

Havia padrinhos e madrinhas para este sacramento. Os que o recebiam levavam á igreja uma ligadura de panno branco, com a qual cingiam a cabeça depois da unção com o oleo santo, e traziam-na por sete dias. Depois perdeu-se este costume. A cerimonia de uma ligeira pancada com os dedos na face, é moderna. Quanto ás disposições necessarias para se receber este sacramento não mudaram — exige-se uma consciencia pura, fé viva, e profunda humildade.

EUCARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Era a oração a principal occupação do christão. Juntavam-se nas igrejas aos domingos e sextas feiras para orarem em commum de modo mais solemne, e offerecerem o sacrificio incruento dos nossos altares pelo ministerio dos sacerdotes: chamava-se-lhe *ceia*, *fracção do pão*, *oblação*, *synaxe* (que quer dizer *assembléa*), *collecta*, *eucharistia*, ou finalmente *liturgia*, palavra que significa *serviço publico*.

Não havia em cada igreja, que quer dizer em cada diocese, mais de um sacrificio. Era o bispo quem o celebrava, e os sacerdotes só o faziam quando o bispo estava ausente, ou doente; porém todos os padres o ajudavam n'esta augusta funcção, e offerciam com elle a victima sem mancha. A ordem da liturgia mudou com os tempos e logares, porém no essencial foi sempre a mesma.

Eis o que se observava na maior parte das igrejas:

Depois de algumas orações liam-se as Escrituras sagradas, e acabava-se sempre pelo Evangelho, que o prelado explicava. Depois todos

os assistentes se levantavam, e voltados para o oriente com as mãos erguidas para o ceo oravam por todas as pessoas, christãos, infieis, grandes e pequenos, e especialmente pelos afflictos, doentes, e todos que soffriam. Um diacono exhortava a orar; o sacerdote fazia a oração, e o povo respondia *Amen*. Depois offerciam-se os dons, que constavam de pão e vinho misturado com agua, que deviam ser a materia do sacrificio. O povo dava-se o beijo da paz, os homens aos homens, e as mulheres ás mulheres, em signal de perfeita união; depois cada um offercia os dons ao sacerdote, que os offercia a Deus em nome de todos. Principiava então a acção do sacrificio, sendo o povo advertido a elevar os corações a Deus, render-lhe graças, e adoral-o profundamente com os anjos e as virtudes celestes.

Depois da offerenda fechavam-se as portas, e guardadas com grande cuidado pelos diaconos ou porteiras, não as abriam, nem mesmo aos fieis, senão depois da communhão. Outros diaconos andavam pela igreja, muito devagarinho, vigiando que se não fizesse o menor molim. Havia um diacono especialmente encarregado de vigiar as creanças cujo logar era junto á cadeira do bispo, e pelo que respeitava aos mais pequeninos recommendava-se ás mães que os tivessem ao collo. Assim todo o povo, attento e silencioso, escutava com profundo respeito as orações do prefacio e da acção, a que chamamos *Canon*, porque o prelado as dizia em alta voz, e o povo respondia *Amen*, como em todas as orações.

Continua.

A.

UM PONTÃO NOS RIOS DA ALEMANHA.

Pontão, ou ponte volante é uma barca muito grande e chata que serve para passar os rios. É feita de sorte, que egualando com a terra entram n'ella dois e tres coches com os cavallos e muita gente de pé. Passa com bastante ligeireza á outra parte, sem embargo das correntes arrebatadas d'alguns rios que se atravessam da mesma forma. Ouçamos um viajante do seculo passado:

«Muitas vezes não saí da carruagem em que ia, nem o postilhão descia do cavallo, e assim que chegava á outra banda, continuava a jornada sem embaraço algum. As ditas barcas são tiradas em algumas partes por cordas, e roldanas, obra que me pareceu de pouco engenho, mas de muita segurança. Usam todos os postilhões de umas pequenas cornetas de metal, que levam presas a um cordão, tecido com as mesmas côres das suas librés, que em cada provincia, ou reino são diferentes. Antes de chegarem aos logares onde ha pontões para passar, tocam a dita corneta varias vezes, de sorte que se o pontão, ou barca está da outra parte do rio, trata de se fazer prompta com muita diligencia, para que a posta não tenha demora.»